

Recepção das Obras de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) na Primeira República

Reception of Júlia Lopes de Almeida's Works (1862-1934) in the First Republic

Jussara Parada Amed¹

Resumo

Júlia Lopes de Almeida foi uma das poucas mulheres no Brasil do século XIX e XX que conseguiu em vida escrever, publicar e receber proventos de sua própria escrita. Com sabedoria e sensibilidade a escritora percebeu que havia espaço para as mulheres brasileiras atuarem nos novos tempos através da leitura e educação, sendo esta a chave para as mulheres estabelecerem um novo comportamento e ocupar um outro lugar na sociedade. Foi partindo desta crença que Júlia Lopes escreveu em jornais, revistas e posteriormente publicou romances. A escritora teve apoio de outras mulheres que pensavam da mesma forma que ela, mas também compartilhou de uma sociabilidade intelectual receptiva à sua obra, estes eram os romancistas, jornalistas, poetas e editores que acolheram o seu grande talento e perceberam a sua sagacidade ao revelar uma sociedade brasileira menos idealizada e nada amorfa. Nem sempre Júlia Lopes pode atuar livremente em sua escrita, o século XIX ainda era bastante avesso às mulheres escritoras e mesmo no início do século XX, a sociedade brasileira ainda demonstrava um incômodo e estranhamento à presença de mulheres no espaço literário brasileiro. Foi neste caldo cultural que Júlia atuou e nos deixou um legado enorme de boas ideias.

Palavras-chave: Mulheres escritoras; Recepção; Transformação pela escrita.

Abstract

Júlia Lopes de Almeida was one of the few women in Brazil in the nineteenth and twentieth centuries who succeeded in writing, publishing and receiving while still alive. With wisdom and sensitivity the writer realized that there as room for Brazilian

¹ Doutora em História Social e Cultural pela FFLCH e Professora da Graduação de História Unisa.

women t on this new times through reading and education, being that the key for women to establish a new behavior and occupy another spot in society. It was starting from this belief that Júlia Lopes wrote in newspapers, magazines and later published some novels. The writer had the support of other women who thought the same way as she did, but also shared of a intellectual sociability receptive to her work like novelists, journalists, poets and editors who welcomed her great talent and realized her sagacity in a Brazilian society less idealized and amorphous. Not always Júlia Lopes could act freely in her writing, the nineteenth century was still quite averse to women writers and even in the early twentieth century, Brazilian society still showed a discomfort and estrangement to the presence of women in the Brazilian literary space. It was in this cultural mix that Júlia acted and left us an enormous legacy of good ideas.

Keywords: Women writers. Reception. Transformation by writing.

"Toda história da leitura supõe, em seu princípio, a liberdade do leitor, que desloca e subverte aquilo que o livro lhe impõe. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças as praticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras extinguem." (CHARTIER, 1998, p.76)

Aqueles que pesquisam a escritora Júlia Lopes costumam fazer a mesma pergunta: Como uma escritora tão produtiva do século XIX e princípio do século XX que partilhou de uma sociabilidade intelectual intensa junto à escritores de renome, colaborou em revistas voltadas para o público feminino, escreveu para crianças, adultos e peças teatrais, desapareceu de nossos livros e manuais de crítica literária?

O nome da escritora começou lentamente a emergir em estudos acadêmicos por volta dos anos 1980, a partir de então, Júlia Lopes de Almeida vem sendo resgatada por historiadores, sociólogos e uma nova geração de pesquisadores da área das Letras. Concretamente vem sendo restabelecidas novas edições das obras de Júlia Lopes², tem-se pesquisado sua biografia, analisado sua produção como escritora sob diferentes perspectivas, e neste breve artigo, buscamos refletir acerca da recepção de suas obras.

² A editora Mulheres; EDUNISC, em Florianópolis, restabeleceu grande parte dos romances e em 2019 a editora Penguin publicou o livro "A falência".

Júlia de Almeida Lopes nasceu no Brasil em 1862, filha de imigrantes portugueses envolvidos com educação, foi alfabetizada em casa pela irmã mais velha, aprendeu música com a mãe e literatura clássica portuguesa com o pai. Começa a escrever num jornal de Campinas aos 19 anos com estímulo do pai e através de sua irmã, Adelina, conheceu seu futuro esposo, o escritor e editor Filinto de Almeida com o qual teve uma vida intensa junto aos intelectuais de sua época.

Pelo tipo de convívio que Júlia Lopes estabeleceu junto a editores e escritores, a escritora aprofundou suas pesquisas e dedicou-se ao público feminino por considera-lo crescente³, mais atuante na vida pública e atento às novas demandas da virada do século no Brasil.

Grande parte dos romances e contos da escritora eram lidos por um amplo público, sendo que seus personagens principais, as protagonistas, eram personagens femininos e contemplavam mulheres atuantes e combativas. Tratando-se do “*O Livro das Noivas*” (1896) ou “*Livro das donas e donzelas*” (1906), estas obras eram voltadas especificamente para o público feminino, assim como seus artigos escritos para revistas femininas, como nas revistas *A Mensageira* (1897-1900) e *Revista Feminina* (1915-1930).

Júlia deixa claro ao longo de toda a sua obra que as mulheres brasileiras precisavam ser instruídas sob uma nova perspectiva, precisavam profissionalizar-se, considerar a ciência uma aliada à sua formação, serem ativas na educação formal de seus filhos, envolverem-se em causas públicas como: abolição e posteriormente República, sinalizando a necessidade das mulheres reivindicarem o seu direito ao voto e um novo lugar na sociedade.

Por outro lado, como foi a recepção das ideias de Júlia Lopes de Almeida junto a seu público de leitoras? O que estas leitoras pensavam? Que dúvidas elas tinham e qual o retorno que a escritora tinha de seu público? Fomos buscar tais respostas nos jornais, revistas e críticos literários contemporâneos a Júlia. Verificamos que o jornal *O Estado de São Paulo* e *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro faziam muitas menções as obras de Júlia Lopes, principalmente na

³ É importante destacar que, mesmo existindo um público leitor no Brasil, na revista *Imprensa Industrial* do Rio de Janeiro os números revelam um país ainda acanhado no número de alfabetizados "frequentam as escolas 155.651 meninos e 165.098 meninas e deixam de frequentá-las 786.131 meninos e 795.574 meninas". Helio Seixas Guimarães. Os leitores de Machado de Assis. O romance machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo. Edusp. 2004. p. 92.

divulgação de seus romances, anúncios de livrarias onde se poderiam adquirir as obras da autora e comentários elogiosos acerca das mesmas.

As críticas em grande parte eram positivas, escritores como Coelho Neto, Olavo Bilac, João Luso⁴ e a escritora portuguesa Guiomar Torrezão, faziam artigos em jornais e revistas que estimulavam os leitores a lerem as obras de Júlia, apresentando parte do enredo das obras, suas intrigas, estimulando e valorizando a escrita da autora e a leitura em si.

Quanto aos comentários das leitoras comuns, portanto não pertencente ao grupo dos escritores profissionais, mas leitoras de baixa renda, trabalhadoras em fábrica, pequeno comércio ou afins, estas se posicionam mais claramente diante dos autores. Uma leitora da *Revista Feminina* que partilhava das ideias libertárias escreveu:

“Chocou-me os sentimentos ao ler a circular expedida pela redação da Revista Feminina, de que sou assídua leitora, a referência de que faz às teorias libertárias. Não sei em que vos apoiáis para dizer que as correntes anarquistas pretendem fazer ruir a moral dos lares [...]”⁵.

A leitora em questão deixa muito claro o seu ponto de vista, partidária de uma corrente de pensamento, o libertário, ajuíza os artigos da *Revista Feminina*. Pelo fato desta leitora partilhar de outras convenções, manifestou-se quanto ao posicionamento das autoras, entre elas Júlia Lopes.

A leitora aponta que não há uma ambivalência em suas atitudes como mulher/mãe/ libertária. Sentindo-se não compreendida, tomou a atitude de escrever e, portanto, de expor o seu ponto de vista numa revista que era vendida em todo o Brasil e que "alcançou uma tiragem de 25.000 exemplares por mês, o que a colocava entre as revistas de maior circulação do período".⁶

Tratando-se do início do século XX, para uma leitora tomar a atitude de escrever, já que não era profissional da área, era uma tarefa pouco convencional pois claramente aludia sua exposição. Tal tarefa exigia da leitora um desprendimento pouco usual, no entanto, podemos afirmar que as matérias das revistas estimulavam tal participação.

⁴ Referindo-se ao romance *A Casa verde*, escrito pelo casal Almeida, Filinto e Júlia, João Luso Comenta: "Releio agora A Casa Verde. Deus sabe com que emoção[...]. Os lugares descritos nestas páginas lembram-me com as de poesia que o tempo vai formando", In: *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 1898.

⁵ *Revista Feminina*, março de 1928.

Por outro lado, as leitoras que representavam um outro segmento da sociedade, mulheres de vida mais domésticas, de hábitos mais contidos, embora tivessem passado por uma educação escolar, demonstravam poucas vezes suas opiniões publicamente. Constatado um comportamento ainda acanhado, estas leitoras ainda tomadas por convenções e hábitos ligados ao século XIX, apropriavam-se das leituras femininas e de seus aconselhamentos ainda como aprendizes. Nesse quesito, cabe ressaltar que Júlia Lopes no "Livro das Noivas",

"quando escrevia, utilizava-se de formas sóbrias, cautelosas e acolhedoras, com a intenção de abrir um diálogo; com atmosfera confidencial e íntima, procurava despertar sensações em sua leitora para manter o clima de privacidade." (AMED, 2010, p. 188).

Possivelmente as leitoras de Júlia que pertenciam a este segmento, mais tímido, ou recatado, manifestavam sua simpatia, ou aderência as ideias da escritora ao consumir seus livros para si ou para presentear uma amiga ou prima, muito embora *A Mensageira* em um de seus registros sinalizasse uma verdadeira batalha contra aqueles que se indispunham a prática das mulheres escreverem:

" (...) leitora amiga, tu que lês os diários das grandes cidades, pasma como eu, certamente diante de tanta improbidade e incoerência. **Que a literata jamais será boa dona de casa**, (precavemham-se solteiras as escritoras solteiras contra essa guerra de certos jornalistas); **que a terem as mulheres profissões liberais, ficará o lar abandonado**, perecerá a família, e cousas análogas..."⁷

Convocar as leitoras para a prática da leitura e da escrita era uma constante das revistas voltadas ao público feminino mas a tarefa ainda se mostrava árdua, pois dentro dos lares ainda se resistia a motivação da leitura de romances e nas escolas femininas a leitura contemplava a alfabetização e as operações matemáticas mais pragmáticas que filosóficas, amarras de uma mentalidade de longa duração.

Com o propósito de apenas ilustrar como Júlia Lopes procurava incentivar a leitura, apresentarei aqui de forma bem sintética o romance *A Intrusa*.

Na obra *A Intrusa*, publicada pela Livraria Francisco Alves em 1908, mas anteriormente publicado em folhetim, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em 1905, encontramos uma das narrativas estabelecidas pela escritora, em que a leitura, o conhecimento literário, o cuidado com o livro e a leitura escondida estão presentes. Apesar de num primeiro momento, acreditarmos que a *intrusa* pudesse ser uma pessoa com intenções ruins, verificamos que este é o posicionamento de um dos personagens mais conservadores, representados na figura de uma senhora

⁷ *A Mensageira*, p. 123, Maria Emília, escreve de Minas Gerais para a revista, sendo o grifo da autora.

agarrada às tradições que acreditava que a leitura fazia mal a formação, no caso de sua neta. A *intrusa*, portanto, era uma ameaça às tradições, representada por uma governanta que cuidada da filha de um advogado viúvo. Esta também limpava a casa e em especial apreço aos livros, limpava-os, folhava-os procurando sentir no cheiro de suas páginas alguma sensação dentro de si. A governanta lia para a menina sempre ao entardecer. A leitura da governanta abria um novo mundo à jovem, trazia repertórios diferenciados, apresentava paisagens, pessoas e personalidades intrigantes, pensamentos instigantes que alimentavam a inteligência e repeliam o sentimento de solidão. A menina fazia perguntas a avó, questionava coisas simples do dia a dia, perguntava por curiosidade, mas para a sexagenária a dúvida já representava a instabilidade, e a curiosidade um problema.

A partir deste breve contato com a obra, constatamos que a leitura para a escritora é uma das possibilidades de abertura para novas experiências e sensações junto a leitura.

Apesar da ausência de fontes mais precisas, uma de nossas hipóteses é de que vários fatores convergiram para a aceitação e penetração das obras da escritora Júlia Lopes. Além de ser mulher, utiliza-se de recursos linguísticos simples ao abordar temas comuns em seus romances, bem como apresentava uma grande variedade de temas para diferentes faixas etárias. A autora escrevia desde contos infantis para crianças em fase escolar, como romances intrincados, com dilemas amorosos e ruínas familiares, passando por discussões da política, abolição e rumos republicanos. Para as noivas, dava aconselhamentos sobre a maternidade, cuidados com a economia doméstica, produzindo desde livros que forneciam rudimentos para a organização de uma horta ou jardim a temas mais complexos como o aproveitamento das terras, utilização de técnicas modernas para rendimento do solo, neste caso, sempre para um público feminino adulto.

Com o propósito de apenas ilustrar como Júlia Lopes procurava incentivar a leitura, apresentarei aqui de forma bem sintética o romance *A Intrusa*.

Na obra *A Intrusa*, publicada pela Livraria Francisco Alves em 1908, mas anteriormente publicado em folhetim, no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em 1905, encontramos uma das narrativas estabelecidas pela escritora, em que a leitura, o conhecimento literário, o cuidado com o livro e a leitura escondida estão presentes. Apesar de num primeiro momento, acreditarmos que a intrusa pudesse ser uma pessoa com intenções ruins, verificamos que este é o posicionamento de

um dos personagens mais conservadores, representados na figura de uma senhora agarrada às tradições que acreditava que a leitura fazia mal a formação, no caso de sua neta. A intrusa, portanto, era uma ameaça às tradições, representada por uma governanta que cuidada da filha de um advogado viúvo, esta também limpava a casa e em especial apreço aos livros, limpava-os, folhava-os procurando sentir no cheiro de suas páginas alguma sensação dentro de si. A governanta lia para a menina sempre ao entardecer. A leitura da governanta abria um novo mundo à jovem, trazia repertórios diferenciados, apresentava paisagens, pessoas e personalidades intrigantes, pensamentos instigantes que alimentavam a inteligência e repeliavam o sentimento de solidão. A menina fazia perguntas a avó, questionava coisas simples do dia a dia, perguntava por curiosidade, mas para a sexagenária a dúvida já representava a instabilidade, e a curiosidade um problema.

Mesmo existindo no Brasil um público reduzido de alfabetizados no final do século XIX e início do século XX, a escritora conseguiu ser lida através de seus livros e também artigos em revistas e jornais. Verificamos a forte recepção de Júlia pela constatação da reedição de seus livros. De acordo com a crítica literária Lúcia Miguel Pereira:

[...]” figura entre as mulheres escritoras de sua época, não só pela extensão da obra, pela continuidade do esforço, pela longa vida literária de mais de quarenta anos, como pelo êxito que conseguiu, com os críticos e com o público”. (PEREIRA, 1973, p. 270)

Quando poucas mulheres tinha a oportunidade de escrever e falar ao público o que pensavam, enfrentavam dificuldades de penetrar numa área literária majoritariamente ocupada por homens e relativamente permeada por difusa misoginia, Júlia publicou o seu primeiro artigo na *Gazeta de Campinas*, com 19 anos, marcando assim o início de sua carreira como escritora. Ao longo de sua vida escreveu ao menos 12 romances; 5 contos; 2 peças de teatro; 3 crônicas, realizou ensaios e conferências pelo Brasil e Argentina sozinha e acompanhada por Berta Lutz; fez traduções e colaborou por mais de 40 anos em mais de 20 revistas e importantes jornais brasileiros.

Ainda de acordo com Lúcia Miguel Pereira, [...] “todos os livros foram elogiados e reeditados, vários traduzidos, sendo que se consumiu em três meses a primeira tiragem de ‘Família Medeiros’ de 1892”. (PEREIRA, 1973, p.270)

O inglês Laurence Hallewell, noutra síntese histórica sobre o livro brasileiro e seu processo editorial, reforçou a produção de Júlia Lopes de Almeida, enfatizando a intensidade de reedições de alguns de seus títulos:

“seus Contos infantis (1886) e Viúva Simões (1897) foram ambos publicados em Lisboa. A editora Garnier publicou *Ânsia eterna* em 1903; a *Intrusa* (1908), *Eles e elas* (1910) e *Correio da roça* (1913) saíram pela Alves, que continuou a reeditar suas obras anteriores até a terceira edição de *Amor cruel*, em 1928, apesar de Leite Ribeiro ter publicado a *Isca*, de 1922. Na década de trinta, ela foi editada pela Cia. Editora Nacional e A casa verde em 1932”.

Ainda, segundo o mesmo autor, em comparação com outros escritores que se distinguiram pela oferta mais volumosa de obras, a escritora também se destacava como a única entre Coelho Neto e Afrânio Peixoto a “conseguir algum êxito continuado”. (HALLEWELL, 1985, p. 235).

Mas tal realidade não era a mesma para outras mulheres que pretendiam escrever, havia uma dificuldade para este segmento conseguir publicar seus primeiros poemas, romances, contos em jornais ou até mesmo receber um convite para realizar conferências. Daí as escritoras criarem pequenos artifícios, como encontros com editores de livros ou jornais em salões e aproveitando-se destas ocasiões, distribuía ou presenteavam suas obras com dedicatórias. Tal prática indicava que, mesmo com a expansão de algumas cidades, as mulheres tinham dificuldade de acesso aos locais públicos de sociabilidade intelectual. Assim era necessário por vezes recorrer a suas teias de amizades, prestígio de parentes, provavelmente com a intenção de maior aproximação e apresentação a este circuito hermético.

O historiador, J. Needell, ao analisar a relevância da sociabilidade privada nos salões do Rio de Janeiro, menciona que Júlia Lopes, já casada com o escritor e redator Filinto de Almeida, organizava salões em sua residência no morro de Santa Teresa. Em seu salão, conhecido à época como Salão Verde, contava com a presença frequente dos pintores Antonio Parreira e Amoedo, dos poetas e escritores Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, Coelho Neto, João do Rio, Graça Aranha, Euclides da Cunha, Silvio Romero assim como do editor Francisco Alves entre outros (NEEDELL, 1993, adaptado) transparecendo um profundo envolvimento com o pensamento de sua época.

Entendemos que a recuperação das obras de Júlia Lopes nos permitiu um maior entendimento da inserção da escritora em sua época, aproximando-nos mais

de suas ideias e práticas literárias, permitindo uma percepção das novas dinâmicas sociais, que apontavam para novos arranjos e confrontos dos pensamentos na sociedade e cultura de então.

A romancista espelhava em suas obras o crescimento urbano e, com ele, uma maior dinâmica de interlocução das mulheres com os comerciantes, artistas, operários, engenheiros, médicos, jornalistas, educadores e pedagogos; os entretenimentos vinham dos bailes, teatros, jantares, recepções, festas comunitárias, pique niques, festas populares de vilas ou de rua. Enfim, a complexidade urbana impunha outra sociabilidade às mulheres, despertando nelas uma disposição para novas tarefas e vínculos. De acordo com a nossa escritora, o saber científico traria às famílias e às mulheres (em particular), uma envergadura mais ajustada às condições da vida moderna com vistas a uma sociedade mais saudável e comprometida com o conhecimento, distanciando-se de um legado forte do passado de superstições, ignorância, em que se ajustava às tradições as tarefas domésticas como obrigações predominantemente femininas.

Júlia Lopes reforçava a importância da leitura para as mulheres aconselhando autores e obras, lembrando que a proibição feita à estas não exerciam um efeito nocivo como os mais conservadores sistematicamente afirmavam. O fato de escrever intensamente reforçava suas ideias e confirmava suas convicções de que a leitura e a literatura tinham um potencial transformador e trariam uma nova consciência e uma renovadora atuação social.

“Os pais antigos proibiam a leitura às filhas, afirmando que os livros eram os piores inimigos da alma.

Para livrarem então as pobres inocentes de, por qualquer casualidade, entrarem um dia em contato com o então perigoso conselheiro, faziam uma coisa que lá consigo julgavam muito acertada – não as ensinava a ler!. Era, evidente, o meio mais coercitivo”. (ALMEIDA, 1896, p.35)

O cientista Luiz Agassiz, que visitou o Brasil, registrou o dia a dia de sua viagem em 1865-1866, deixou um rico relato do quanto eram raros os livros nas casas dos brasileiros e os romances não eram aconselhados pelos pais como leitura adequada para as moças. O excesso de regras e normas, favorecia uma visão de vida calcada em tradições materiais, apostando que a leitura pouco contribuía como um diferencial para a educação dos filhos ou para a administração das fazendas, por exemplo. Os romances eram cheios de ideias, concebidos como fantasiosos; pouco auxiliavam na concretude do dia a dia e, diletante, faziam as meninas se perderem

em pensamentos oníricos. Por outro lado, de acordo com a historiadora Maria Ângela D’Incao, com o progressivo aparecimento da família burguesa,

“as leituras animadas pelos encontros sociais, ou feitas à sombra das árvores ou na mornidão das alcovas, geraram um público leitor eminentemente feminino. A possibilidade do ócio entre as mulheres de elite incentivou a absorção das novelas românticas e sentimentais consumidas entre um bordado e outro, receitas de doces e confidências de amigas”. (INCAO, 2006, p.229)

Incao nos sugere que, mesmo com o controle de leitura que pudesse existir para com as filhas e esposas – conforme o que Agassiz também apontou em seus registros – as mulheres liam às escondidas e à revelia de seus pais, numa ‘rebeldia submissa’.

Andando pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, o jornalista João do Rio observou o intenso mercado de ambulantes, armando seus tabuleiros em praças ou esquinas. Para chamar a atenção dos fregueses, os vendedores ou colocavam em suas roupas algum detalhe incomum ou faziam algum comentário de seu produto em voz alta, destacando o bom preço para a realização de um vantajoso negócio. Mas, para a venda de livros, o jornalista empreendeu especial atenção, apontando a diversidade dos vendedores estratégias para vender seus livros e gênero de obras que mais “caíam” no gosto popular.

O que era mais lido? Por que as mulheres faziam leituras às escondidas de seus pais quando a atividade era de seu gosto? Impressos na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, liam-se comentários em que João do Rio se revelava, surpreso, que as leituras preferidas no início do século XX eram as mesmas do meado do século XIX.

“Exatamente na esquina do teatro São Pedro, há dez anos, Arcanjo, italiano, analfabeto, vende jornais e livros [...] Ao parar outro dia ali, tive a curiosidade de ver os volumes dessa biblioteca popular. Havia algumas patriotadas, a Questão da bandeira, o Holocausto, a D. Carmem de B. Lopes, A vida do mercador e de Antônio de Pádua [...]. Estavam em exposição, cheio de pó, com as capas entornadas pelo sol.

- vende-se tudo isso?

- Oh! Não. Há quase um ano que os tenho. Os outros sim; modinhas, orações, livros de sonhos, a História da princesa Magalona, o Carlos Magno, os testamentos dos bichos...”. (RIO, 1997, p. 136-137)

Em meio aos livros e jornais também se encontravam “edições falsificadas do *Melro* de Junqueira e da *Noite nas tavernas*” e “livros exportados de Portugal, o *Conselheiro dos amantes*”. Concluindo, João do Rio ainda acrescentou:

“A leitura de todos os folhetos deixa, entretanto, a mesma impressão de sangue, de crime, de julgamento, de tribunal. Há, por exemplo, uma obra cuja tiragem deixa numa retaguarda lamentável as consecutivas edições do *Cyrano de Bergerac*. Intitula-se *Maria José, ou a filha que assassinou, degolou e esquartejou sua própria mãe, Matilda do Rosário Luz*”. (RIO, 1997, p. 141)

Pelo gosto popular, os livros que mais circulavam não eram as obras consagradas pela literatura clássica ou erudita mas, ao contrário – conforme se leu acima – eram livros de orações, modinhas, que agradavam pelo exagero, fantasia e mesmo pela crueldade. João do Rio trouxe à tona mais uma questão para os intelectuais refletirem acerca da formação e gosto dos brasileiros, pois, se o impacto foi grande ao se apresentar, pelo censo feito em 1872, o número elevado de brasileiros analfabetos, os intelectuais teriam mais um elemento para pensar: a formação literária da população de sua terra.

Partindo da premissa de que a oferta de escolas voltadas para a educação de meninas era pequena, podemos compreender a prática que as famílias de melhor posição social e econômica tinham ao oferecer às filhas a alternativa de pagar uma tutora estrangeira que lhe acompanharia até o casamento, escolhendo assim as leituras mais apropriadas aos seus alunos.

“Nesse processo de preparação das meninas os manuais de etiqueta eram muito utilizados, uma vez que traziam prescrições e orientações sobre os costumes, a moda, os hábitos e as práticas de sociabilidade em voga na Europa e, particularmente, na França, cuja influência fazia-se presente desde o Brasil Colônia.

Nesse modelo de formação feminina, educar cumpre as vezes de escolarizar. Para os homens, isso nem sempre é equivalente”. (LACERDA, 2003, p. 170)

Portanto, mesmo assim transmite a ideia de oposição e, neste ponto, o número de mulheres leitoras ainda era reduzido e a parcela daquelas mulheres que escreviam era ainda menor:

Júlia Lopes de Almeida não estava sozinha no universo literário, outras mulheres escritoras compartilhavam das mesmas preocupações. Um número significativo de almanaques, revistas e manuais foram escritos, e muitas vezes bancados, custeados, por mulheres, para mulheres, indicando que o número de leitoras era significativo, o que nos deixa como reflexão de como escritoras e as novas máquinas e técnicas tipográficas atendiam a demanda até então reprimidas. Contudo, os contos e romances de Júlia publicados em diferentes jornais, e depois transformados em livros, mostravam um aspecto mordaz e insatisfeito da autora,

mais direta e dócil, demonstrava as contradições da sociedade brasileira, indicando como o discurso idealizado não alcançava as mudanças necessárias, a denúncia em seus contos e romances pela crueldade e a miséria incrustada em diferentes patamares da sociedade intelectual, política e econômica.

As experiências particulares nos núcleos familiares estabelecidos por contingências internas ou motivação externa alteravam suas tradições e percepções sociais, provocando compulsoriamente alternativas para ajustes às novas condições.

Almejando o público feminino, os jornais e as editoras investiam na ideia de que esse era um segmento da sociedade brasileira relevante. Investir nesse grupo poderia significar o aumento de publicação de romances e revistas no mercado editorial. Os jornais e revistas tinham prática de divulgar e recomendar as obras lançadas pelas editoras aos leitores, além de divulgar concertos, conferências, óperas, apostando tanto num meio para a formação num meio para a formação do público feminino, quanto num maior consumo de suas produções.

Segundo Brito Brota, em texto escrito em 1953 com o título “*As mulheres na literatura brasileira*”, a participação mais marcante das mulheres no ambiente literário deveu-se ao advento do naturalismo e do espírito científico, transparecendo assim uma mulher mais atuante e menos frágil, conforme preconizava a mentalidade romântica,

“sob a adoração e a proteção do homem, mas proibida de competir com ele em determinadas atribuições[...]. Com a extinção do romantismo, a mulher perde a aura de deusa irreal, que a sufocava intelectualmente e socialmente, para ser vista como ente humano, capaz de caminhar ombro a ombro com o homem, na luta pela vida”. (BROCA, 1979, p. 78)

Desta feita a sorte estava lançada. Na passagem do séc. XIX e XX, com o aparecimento de novas revistas, jornais, conferências e editoras, oriundas muitas vezes de novos capitais, abriram-se perspectivas num espaço de cultura misógina: a possibilidade para que as mulheres também escrevessem e refletissem sobre o seu papel para o novo século.

Os jornais e as revistas tinham colunistas mulheres, que se dirigiam também para o público leitor feminino sobre diferentes assuntos. As escritoras assumiriam a autoria de romances, crônicas, poemas; escreveriam livros infantis para serem adotados nas escolas, comentariam sobre moda, hábitos alimentares saudáveis, educação dos filhos; debateriam ideias políticas, econômicas, sociais, filosóficas,

numa demonstração clara de que as mulheres pensavam e se dispunham a fazer parte das novas conjunções da sociedade brasileira.

A oportunidade de escrever em importantes jornais e revistas do Rio de Janeiro deu a Júlia maior envergadura para refletir mais diretamente acerca dos acontecimentos de sua época. Os jornais em que nossa escritora colaborou mais longamente foram: *O País* e *Jornal do Comércio*, conhecidos por seu conservadorismo. Em São Paulo, a escritora também deixou seu registro. Na capital paulista escreveu para o jornal *O Estado de São Paulo* e para a *Gazeta de Campinas*, indicando que os jornais acolhiam e pagavam pela colaboração literária de mulheres. Ao longo de anos, Júlia teve o privilégio de escrever na primeira página de um dos principais jornais do país, mas também colaborou para diferentes revistas, além daquelas de teor pedagógico, espaço mais comum para as mulheres se manifestarem. Participou com artigos em revistas femininas paulistas como : *A Mensageira* (1889 a 1900), *Revista Feminina* (1915-1917) e *A Família* (São Paulo e Rio de Janeiro de 1888 a 1889); participou de revistas de conteúdo literário: *Ilustração Brasileira*, *O Mundo literário*, *Revista do Brasil* e *Kosmos*, assim como das revistas *Chácaras e Quintais*, de vocação agrícola.

Almejando o público feminino, os jornais e as editoras investiam na ideia de que esse era um segmento da sociedade brasileira relevante. Investir nesse grupo poderia significar o aumento de publicação de romances e revistas no mercado editorial. Mas mesmo assim, na obra de Brito Broca, *A vida literária no Brasil de 1900*, o autor comenta:

“Quando Júlia Lopes de Almeida entrou nos jornais, por volta de 1885, encontrou ainda forte barreira de preconceitos com as mulheres escritoras. O surto literatura feminina que se verificou na França na última década do século havia de ter influído, no entanto, para o descrédito deste preconceito no ambiente brasileiro. Por outro lado, com o desenvolvimento da literatura nos jornais, as colaborações pagas, as escritoras também se julgavam com o direito a retirar proventos econômicos do trabalho intelectual. No começo do século, Júlia Lopes de Almeida prossegue a sua colaboração em crônicas assíduas em mais de um jornal [...]”. (BROCA, 1975, p. 240-241)

No entanto, um episódio de não acolhimento intelectual e representativo do comportamento da época, marcou a biografia de Júlia Lopes. Ironicamente a escritora já havia conquistado a notoriedade em seu meio, o de escritores, quando teve de enfrentar um momento inusitado: na época da criação da Academia Brasileira de Letras, em 1897, a autora de várias obras participava com seu marido, Filinto de Almeida, das discussões a respeito da necessidade de fundar no Brasil um

espaço que evidenciasse e valorizasse seus intelectuais. Delineava-se, dessa forma, a possibilidade de ela entrar para a Academia. Mas, seguindo as normas francesas de então, que não permitia o ingresso de mulheres na Academia, seu esposo, que era poeta e bem inserido nas rodas literárias, foi nomeado em seu lugar, fazendo-se uma homenagem indireta à escritora, numa tentativa de contornar uma situação delicada para os próprios pares.

Mais tarde em 1915, Júlia teve sua obra mapeada e criticada pelo franciscano alemão, Frei Pedro Sinzig. Rigoroso e conhecido como propugnador dos ideais cristão na tribuna e na imprensa cristã, Frei Pedro escreveu e criticou uma infinidade de livros não recomendados aos católicos praticantes. Foram analisados no *Guia para as consciências* mais de 11.863 livros; destes, 237 eram brasileiros, com 92 autores nacionais dos quais 66 tinham restrições. (SANTOS, 2005, pp. 68-69)

Segundo Margareth Santos, quase nenhuma obra literária era recomendada, incluindo, em sua imensa listagem, alguns dos principais romances de Júlia como: *Ânsia eterna*, *Cruel amor*, *Eles e elas*, *A Falência*, *A Intrusa*, *Silveirinha* e *Viúva Simões*.

De acordo com o Frei, não eram obras aconselhadas, e assim as classificou:

- *Ânsia eterna*. *Tem contos bastante livres;*
- *Cruel amor*. *Costumes cariocas com assassinato por desfecho. Não recomendamos a leitura.*
- *Eles e elas*. *Os poucos folhetins deste livro, que tem formas de narrativa, ressentem-se como livro todo, de um espírito frívolo e irreligioso.*
- *A Falência*. *Romance mundano, de costumes cariocas. Descreve e põe a nu muitas chagas sociais, [...]. Não recomendamos a leitura.*
- *Silveirinha*. *Homens que procuram dinheiro a todo o transe e mulheres que se divertem igualmente a todo transe. É este o conteúdo do romance. Em toda a sociedade aí apresentada há uma única pessoa simpática. O livro é uma ofensa à sociedade e à Igreja Católica. Parece incrível ser ele escrito por uma senhora! Chega a repugnar.*

De fato, Frei Pedro não se enganou ao verificar que Júlia descrevia em suas obras uma sociedade permeada pela frivolidade, imediatismo, ateísmo, mundanismo, e outros ismos. A escritora por sinal procurava aproximar-se o máximo possível daquilo que observava em sua sociedade e época, surpreendendo o seu

leitor com algumas de suas ideias,“(...) adoramos às vezes a causa de nosso próprio mal,” (ALMEIDA, 1903, p.58)

Por fim, em se tratando de Júlia Lopes, além de seu talento literário, reconhecido por seus companheiros e pela recepção futura, pode ser que outros elementos tenham vindo a contribuir para a sua posterior acolhida. Nesse sentido, sua sociabilidade pode ser reveladora de parte do seu sucesso que veio a conhecer. No entanto, sua presença como escritora poderia ser somente possibilitada pela existência de sua sociabilidade enquanto viveu. Ou seja, a autora talvez viesse a depender dos vínculos frágeis que são aqueles que costumam dar suportes aos que se descobrem como vocacionados às letras em nosso país.

A arbitrariedade do critério de acolhimento e esquecimento dos escritores ou intelectuais brasileiros, de acordo com Foot Hardman, pode talvez propiciar alguns equívocos: por exemplo:

“a definição esteticista para o sentido próprio de modernismo, abandonando-se, com isso, outras dimensões políticas, sociais, filosóficas e culturais decisivas à percepção das temporalidades em choque que põem em movimento e fazem alterar os significados da oposição antigo/moderno muito antes de 1922”. (HARDMAN, 1992, p. 290)

Será que as “igrejinhas” se rearranjaram, deixando de fora de seu grupo os seus desafetos, e, assim se estabeleceu a partir de suas próprias convicções? Ou os projetos e crenças destes intelectuais do início do século, entre eles Júlia, estavam demasiadamente circunscritos à sua época e de fato não atendiam mais aos novos tempos conclamados pelos modernistas?

Seria este o motivo do apagamento da presença de Júlia Lopes que sequer consta nas obras de referência que visam mapear a produção literária brasileira?

Antes de Júlia morrer em 1934, a escritora chegou a ver vários de seus livros reeditados: o romance, *Memória de Marta*, *Cruel Amor*, *A Intrusa* e os contos escritos no livro, *Ânsia eterna* e ainda os livros de *Contos infantis*, e *Histórias de nossa terra*, com mais de 21 edições (1907 a 1930).

Acreditamos que houve uma continuidade de práticas culturais e sociais em que os distintos grupos, dentre eles os intelectuais modernistas, se moviam mais por intermediações pessoais do que por motivos republicanos, em seu *strito senso*. Este então poderia ser o motivo, quase aleatório, ao menos distante dos cânones da crítica pretensamente constituída, para não mais se ouvir, ou ler as obras de Júlia Lopes de Almeida durante aproximadamente meio século.

Referências

AMED, Jussara Parada. **Escrita e experiência na obra de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)**. 2010. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Livro das noivas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Companhia Nacional Editora, 1896.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. Conto “e o cisne?”. *In*: ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Ânsia eterna**. 1903.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil - 1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

BROCA, Brito. **Românticos, pré-românticos, ultra-românticos**. São Paulo: Livraria e Editora Polis Ltda, 1979.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro, do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Ed. Unesp, 1998.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Edusp, 1985.

HARDMAM, Francisco Foot. “Antigos modernistas”. *In*: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1992.

INCAO. Maria Ângela D'. Mulheres e a família burguesa. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

LACERDA, Lilian de. **Álbun de leitura: memórias de uma vida, histórias de leitoras**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

MALUF, Marina; MOTT, Lucia. Recôndidos do mundo feminino. *In*: MALUF, Marina; MOTT, Lucia. **História da Vida privada**. São Paulo: Cia das Letras, 1998. v. 3.

NEDELL. Jeffrey D. **Belle Époque Tropical**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.

PEREIRA. Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira: prosa de ficção, 1870-1920**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997.

SANTOS, Maria Margareth dos. **Os jardins abençoados de um franciscano – Discurso sobre a leitura de Frei Pedro Sinzig: 1915-1923.** Tese (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia , Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, 2005.